



Director literario:

António Silva
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Eduarte Collares
PAPUSSE

VINGANÇA DUMA FORMIGA

OU A MALDADE CASTIGADA

HISTÓRIA TRÁGICA EM VERSO

:: POR Z A - S O U ::

Desenhos de E. MALTA

No terraço do jardim,
Encontra-se um formigueiro
Que numa luta sem fim,
Ali faz o seu celeiro.

Mas a mana, essa, coitada,
Que mais parece um abôrto,
É das pernas aleijada,
Tendo, ainda, um olho tôrto.

Mesmo com tais dissabôres,
É um tanto leviana,
Pois até morre de amôres,
P'lo namorado da mana.

Uma legião variada,
De tropel ali abanca;
Não faltando a tão falada
E voraz formiga branca.

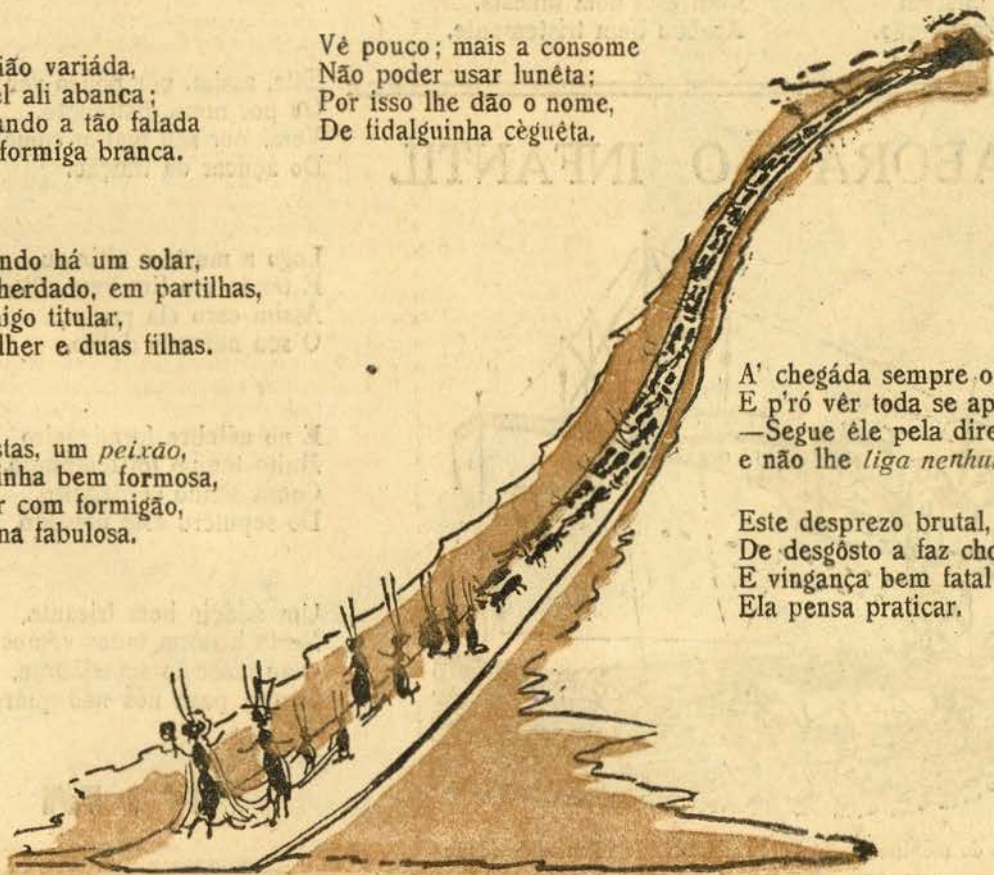
Vê pouco; mais a consome
Não poder usar luneta;
Por isso lhe dão o nome,
De fidalguinha cegueta.

Lá ao fundo há um solar,
Que foi herdado, em partilhas,
Por formigo titular,
Com mulher e duas filhas.

Uma destas, um peixão,
Formiguinha bem formosa,
Vai casar com formigão,
De fortuna fabulosa.

A' chegáda sempre o espreita
E p'ró vêr toda se apruma,
—Segue êle pela direita
e não lhe liga nenhuma.

Este desprezo brutal,
De desgosto a faz chorar,
E vingança bem fatal
Ela pensa praticar.



Decorridos alguns dias
É da mana o casamento,
Não faltam 'speciarias
Para a festa d'espanto.

Chegam noivos e cortejo
De convivas, um milhão;
Tudo come e tem ensejo,
De apanhar um bom fartão.



Pouco a pouco, no solar
Este crime se olvidou;
Ninguém ousa suspeitar
De quem foi que o praticou.

O Destino é que não esquece
Dar castigo ao criminoso;
A cegueta que o merece,
Irá tê-lo rigoroso.

Vê-se, no chão, bom sortido;
Vários doces a granel;
Açúcar apeteçido,
E o tão cubijado mel,

De repente, e com espanto,
Vê-se o noivo a espernear:
A seguir morto, e portanto,
Fica de papo p'ró ar.

A cegueta que não esquece
Sua ideia de vingança,
Logo pronta se oferece
P'ra dirigir a festança.

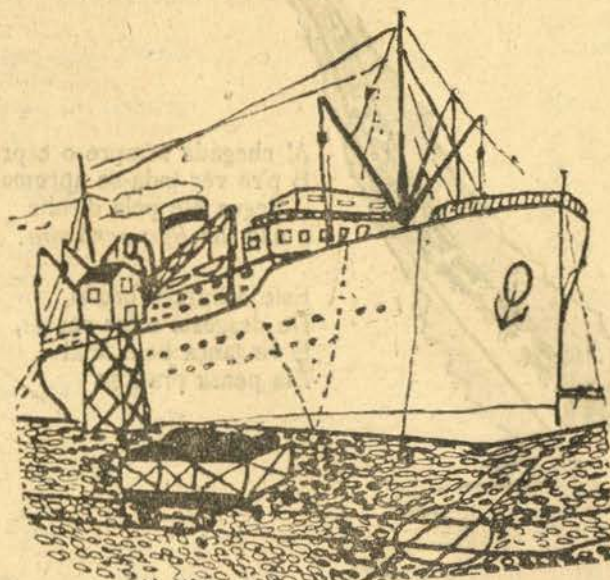
Há terror em toda a linha,
Entre a *troupe* fina e chic;
Tem um desmaio a madrinha,
A noiva tem um chilique.



No lugar que se afigura
P'ró noivo, por distinção,
No açúcar lhe mistura
De Keating uma porção.

E a boda que estava em festa,
Tão alegre e atraente;
Com esta nota funesta,
Acabou bem tristemente.

COLABORAÇÃO INFANTIL



Esta, assim, por pouco vêr
Ou por méra distracção,
Vem, por seu mal, a comêr
Do açúcar da traição.

Logo a morte a vitimou,
E tendo um fim bem aflito,
Assim caro ela pagou,
O seu nefando delito.

E no célebre formigueiro
Muito tempo foi lembrado,
Como sendo verdadeiro,
Do sepulcro este noivado.

Um adágio bem frizante,
Nesta história todos vêmos;
«Não fazer ao semelhante,
O que para nós não queremos.»

F I M



Era uma vez...

UMA INTRIGA NA CÔRTE

NOVELA INFANTIL

POR FERNANDO A. SIMOES

Desenhos de EDUARDO MALTA

Continuação do numero anterior

— Príncipe, não o deveis duvidar, visto que eu vo-lo afirmo.

— Ah miserável! Caluniador infame!

E Diogo, louco de desespero, com o coração repleto, de ódio pelo duque e de amor pela princesa, afastou-se de todos, sem de ninguém se despedir e foi para o quarto que o amável acolhimento de Barbas-de-Neve puzera à sua disposição, aí se entregando a amargas reflexões.

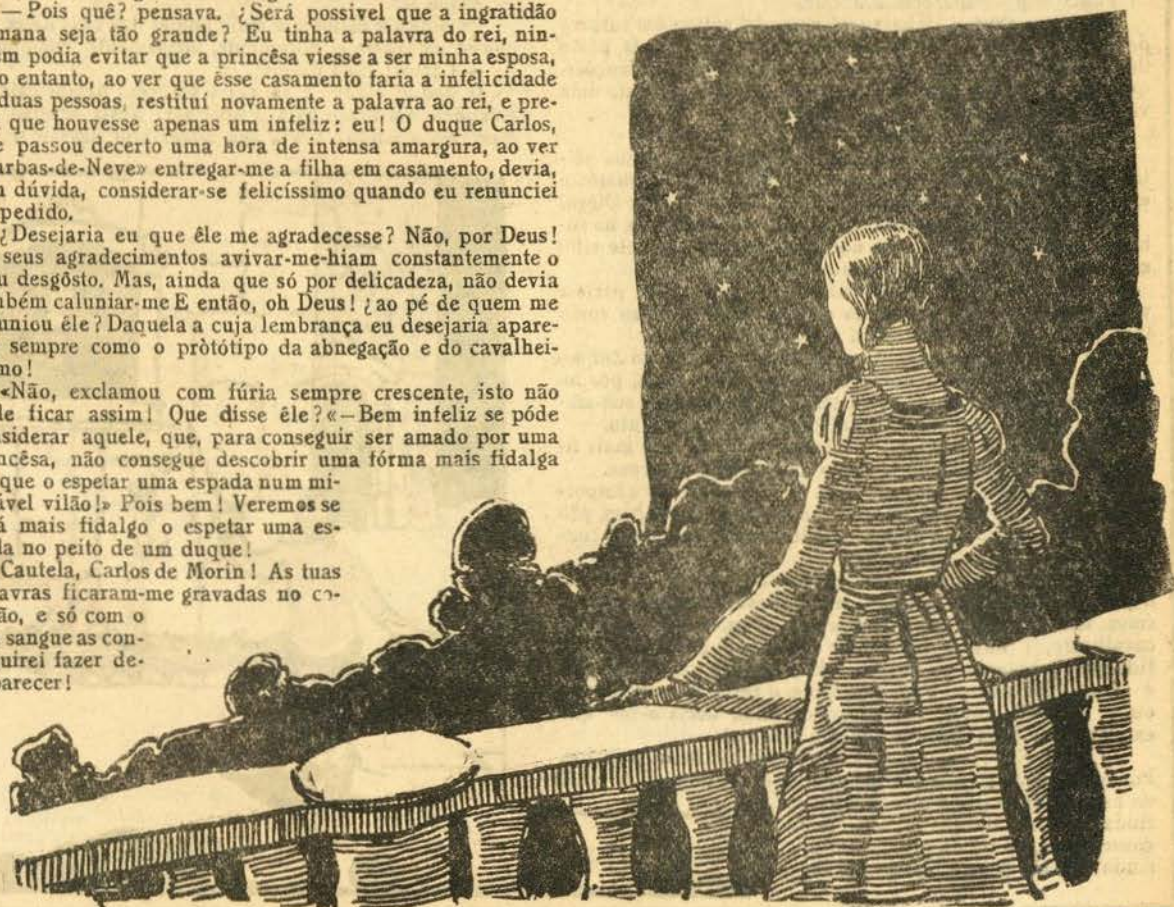
— Pois quê? pensava. Será possível que a ingratidão humana seja tão grande? Eu tinha a palavra do rei, ninguém podia evitar que a princesa viesse a ser minha esposa, e no entanto, ao ver que esse casamento faria a infelicidade de duas pessoas, restitui novamente a palavra ao rei, e preferi que houvesse apenas um infeliz: eu! O duque Carlos, que passou decerto uma hora de intensa amargura, ao ver «Barbas-de-Neve» entregar-me a filha em casamento, devia, sem dúvida, considerar-se felicíssimo quando eu renunciei ao pedido.

Desejaria eu que ele me agradecesse? Não, por Deus! Os seus agradecimentos avivar-me-hiam constantemente o meu desgosto. Mas, ainda que só por delicadeza, não devia também caluniar-me. E então, oh Deus! ao pé de quem me caluniou ele? Daquela a cuja lembrança eu desejaria aparecer sempre como o protótipo da abnegação e do cavalheirismo!

«Não, exclamou com fúria sempre crescente, isto não póde ficar assim! Que disse ele? — Bem infeliz se póde considerar aquele, que, para conseguir ser amado por uma princesa, não consegue descobrir uma fôrma mais fidalga do que o espetar uma espada num miserável vilão!» Pois bem! Veremos se será mais fidalgo o espetar uma espada no peito de um duque!

Cautela, Carlos de Morin! As tuas palavras ficaram-me gravadas no coração, e só com o seu sangue as conseguirei fazer desaparecer!

Quando, em tépidas noites de verão, a luz da lua, esse planeta tão pálido que parece morrer de amor, e o espectáculo de miríades de estrelas atapetando o céu, convidavam à melancolia e ao amor, a princesa Florinda, não podendo conciliar o sono, e sentindo-se atraída para aquele quadro



— Caluniei-vos eu? perguntou o duque no auge do assombro; e vendo que não obtinha resposta: — Pois bem! Seja como quizerdes. Aqui me tendes ao vosso dispor. Cruzaram-se violentamente as duas lâminas, não podendo os seus possuidores deixar de reconhecer-se mutuamente, logo nos primeiros golpes, dois adversários de valôr.

A princesa Florinda que havia também reconhecido o príncipe Diogo, assistira, espantada, ao encontro dos dois homens, sem, no entanto, compreender o que se passava, pois eles falavam em voz baixa.

Quando, porém, as espadas se cruzaram, teve o pressentimento de que era ela a causa daquele duelo, e soltou um grito de dôr. Não teve, porém, forças para se afastar da janela e ali se deixou ficar, trêmula de pavor e mais pálida ainda do que a lua, que iluminava, indiferente, aquele quadro.

Diogo e Carlos de Morin, eram, como disse já, dois adversários de valôr. Devido a isso, foi-lhes absolutamente impossível prever qual seria o vencedor.

O príncipe, louco de raiva, atacava com uma violência extraordinária, ora aproximando-se, ora afastando-se, saltando para a esquerda e para a direita, e obrigando constantemente o duque a mudar de posição.

Este, que não tinha motivo algum para querer mal ao príncipe, bem pelo contrário, quasi que se limitava apenas à defesa, e se, de quando em quando, atacava, era apenas com o fim de conter um pouco a impetuosidade do príncipe.

Começavam os dois adversários a fraquejar, ver-se-iam, talvez, obrigados a odiar o combate, quando o príncipe, defendendo um golpe, recuou um pouco, encolheu o braço... e caiu a fundo.

Precisamente neste momento, Florinda, que seguia com horrorosa inquietação todas as fases do combate, teve, ao ver que ele se não decidia jamais, a desgraçada idéa de atirar ao noivo uma das muitas rosas que lhe cercavam a janela. — Servir-lhe-há, pensou, de talismã: à sua vista, recordar-se-há de que o meu coração lhe pertence e sentirá decerto, novas e irresistíveis forças.

Assim fez.

Escolheu a maior e a mais bonita das suas rosas, debruçou-se na janela e, docemente, meigamente, chamou:

— Carlos! Meu Carlos!

O duque olhou, e ao ver a princesa deixar cair a rosa, estendeu um braço para a apanhar. Nesta ocasião, o príncipe caía a fundo; viu o seu adversário distrair-se, e quis,



repleto de poesia, vinha para a varanda da janela da sua alcova, onde o seu espírito poético lhe dava aquela tristeza vaga e indefinida que tão felizes faz as almas sonhadoras.

Nessas noites, dominado pelos mesmos sentimentos, o duque de Morin, levando a sua fiel espada, e sobraçando amorosamente uma guitarra, vinha, depois de dar algumas notas pelo espesso bosque que rodeava todo o palácio, para debaixo da janela de Florinda, jurar-lhe a eternidade do seu amor.

Era uma das tais lindas noites de verão.

Como de costume a princesa, meigamente reclinada no peitoril da sua janela, aguardava a vinda do seu namorado, que não faltaria decerto, e ia-se deliciando com o suave perfume das formosíssimas rosas encarnadas que lhe cercavam a janela.

Pouco depois aparecia o duque.

Logo que chegou, debaixo da varanda, soltou um suspiro de alívio ao ver lá o vulto encantador da sua noiva. Ia, como de costume, começar alguma das trovadorescas canções, quando se sentiu agarrado por um braço, enquanto uma voz abafada lhe murmurava ao ouvido:

— Senhor, preciso falar-vos!

O duque, que estava longe de encontrar ali alguém, soltou uma exclamação de assombro, e ficou verdadeiramente espantado ao ver que esse alguém era... o príncipe Diogo.

— Que desejais, senhor? perguntou, não podendo, no entanto, deixar de pensar que aquele momento e aquele sítio eram bem pouco próprios para conversar.

— Que desejo? Oh! Pouca coisa: que punhais de parte a vossa guitarra e que puxeis da espada que trazeis ao vosso lado, se é que a não tendes aí apenas para vista!

Era um insulto destinado a provocar a cólera do duque, e, com efeito, assim aconteceu: deixar cair a capa, pôr no chão, um pouco afastada, a guitarra, e, empunhar a sua magnífica espada, foi, para Carlos, obra de um momento.

— Finalmente, senhor! Veremos agora se será mais fidalga, esta forma de conquistar o amor duma princesa.

Carlos de Morin, que não dera às suas palavras a importância que, malevolamente, lhes havia dado a princesa, não se lembrava já do que dissera, e não compreendeu, por conseguinte, a alusão do príncipe.

— Se ambos ficarmos vivos, haveis de explicar-me depois o que as vossas palavras significaram. Neste momento alguma coisa me preocupa mais do que isso; sois, sem dúvida, um cavalheiro, e haveis de convir que não é próprio de dois fidalgos o baterem-se debaixo da janela de uma dama que é amada por ambos. Peço-vos, pois, o favor de escolherdes outro sítio, à vossa vontade. Por mim, declaro-vos que exceptuando este, todos os lugares são bons.

— Não! Não! exclamou precipitadamente o príncipe. Por pouco fidalgo que nos pareça, aqui é que nos havemos de bater. Foi ao pé da princesa Florinda que me caluniastes, será, por conseguinte, ao pé da princesa Florinda que me hei-de justificar.





cavalheirescamente suster o golpe; impossível! Diogo caiu com todo o peso do seu corpo, não conseguiu já equilibrar-se, e sua espada, enterrando-se até quasi aos copos no peito do duque, safu-lhe pelas costas.

Duque e príncipe caíram; o primeiro soltando um grito de dôr, e sentindo saír-lhe do peito um enorme jacto de sangue; o segundo com um brado de cólera e lástima por não haver podido sustentar o golpe.

Pela sua vez, Florinda viu tombar os dois contendores, mas a acção havia sido tam rápida que não conseguiu perceber qual d'êles era o ferido.

Grande foi, pois, o seu desespero, ao ver que o príncipe se levantava, e que, metendo na bacia a sua magnífica lâmina exclamou com voz surda:

— Princesa! Dai agora, se vos aprás, ouvidos às palavras de vosso noivo; no entanto, viste bem que a espada do príncipe Diogo, não só atravessa peitos de miseráveis vilões, como também de nobres duques.

Florinda soltou um enorme grito, em que se percebia claramente a dôr, a cólera e o desespero. Saiu da janela, alvorçando, com os seus gritos, todo o palácio; ordenou a quantos criados viu, que fossem buscar à entrada do bosque o corpo do duque; que o levassem para o quarto d'êle e que fossem immediatamente chamar quantos médicos conhecessem, além dos do palácio, afim de vêr se Carlos estaria ainda vivo e se seria possível salvá-lo.

Depois disto, levou, sem poder falar, as mãos à cabeça, como se sentisse fugir-lhe a razão; oscilou, dobrou os joelhos, soltando um grito rouco, e teria caído no chão se não amparassem a Igumás das suas aias, que, precipitadamente, se haviam levantado, e que a levaram, desmaiada, para a sua alcova.

Era inevitável a morte do duque de Morin.

Era opinião unânime de todos os médicos que a princesa mandara chamar, que seria loucura conservar a mínima esperança.

Que torturas, que sofrimentos físicos e morais passou

Florinda. Físicos, porque não se queria alimentar nem dormir, velando constantemente o seu querido noivo; morais, porque ela não ignorava que era devido ao seu eterno delito que o duque morria.

Como ella se arrependia, a pobre principessa, do que dissera.

• A sua dor não conhecia limites, e, durante o tempo que passava, sentada numa cadeira, observando o duque, procurando atentamente, ansiosamente, o mais pequeno gesto que lhe desse motivo para pensar que a salvação era ainda possível, a formosa menina não cessava de chorar.

A sua dôr causava a dôr do pobre «Barbas-de-Neve», que não conseguia sequer, não obstante os seus multiplos rogos, que sua filha se resolvesse a tomar alimento algum. A amargura do bondoso soberano, causava o constrangimento de toda a côrte, e a infelicidade de todo o povo, que, humilde e bom, sofria, vendo seu rei sofrer.

Todo o reino chorava, todo o reino padecia; e porquê, pequenos leitores? Porque a uma linda princesa aprouvera uma feíssima intriga entre dois gentis-homens!

Entre os fidalgos que mais se compadeciam da sorte da princesinha, um havia que, crente em superstições, possuía uma fé inabalável num feiticeiro, cuja alcunha é deveras interessante, «Mata-a-Morte», representava a certeza absoluta de que êle salvava todos aqueles que lhe merecessem atenção. Não era «Mata-a-Morte» como todos o julgavam, um feiticeiro; não, era, convencido como estava de que só na Naturêsa se encontrava a cura para todas as doenças, passára anos sem conto examinando, analisando e estudando as propriedades de milhares de plantas que encontrava.

Valera-lhe a sua existência humilde e o facto de a sua casa estar completamente atulhada de plantas, com que elle pouco parecia incomodar-se.

Ora, como ia dizendo, esse fidalgo tivera já ocasião de experimentar a sabedoria de «Mata-a-Morte», obtendo magníficos resultados.

Procurou a princesa, deu-lhe parte da sua idéia, e logo ela, não obstante ser pouco crente em feiticarias o mandou chamar; pois era mais uma esperança que ela não queria, de forma alguma, desprezar.

Imediatamente se apresentou «Mata-a-Morte» no palácio. e, sem demóras inúteis, examinou detidamente a larga ferida do duque de Morin, não sem ter de suportar pacientemente os sorrisos zombeteiros dos colegas, que não acreditavam que ele conseguisse uma cura que eles não haviam obtido.

Durante muito tempo se prolongou o exame; findo ele, porém, acercou-se de Florinda, que ansiosamente o esperava, e exclamou:

— Nobre princesa: se me não tivesseis mandado chamar, a resistência do nosso noivo não iria além de três dias. No entanto, agora que o fizestes, podeis considerá-lo salvo, pois possuo um elixir que fechará admiravelmente a ferida causada pelo aço, restabelecendo a circulação de sangue e limpando os órgãos afectados.

Não escapou aos olhos perspicazes de «Mata-a-Morte» que devia ter mais de uma causa a satisfação demonstrada pela princezinha ao ouvir estas palavras, e não hesitou em lh'o perguntar. A princezinha não quis mentir, pelo que lhe contou tudo, não diminuindo absolutamente a culpa que tivera no trágico duelo.

Ao acabar, o feiticeiro sorria triunfantemente, e, devagar, pesando bem as palavras, exclamou:

— Pois, como vos disse, possuo um elixir que, em dois dias, porá são o duque de Morin. No entanto, tenho a fazer-vos uma observação: esse elixir ficar-vos-há muito caro, e talvez o não possais pagar pelo preço que eu exijo.

— Oh! e a princezinha sorria confiadamente, pedi o que quizerdes, e eu vos juro que será imediatamente pago. Quanto quereis? Um milhão? dois?!

O olhar e o sorriso do feiticeiro exprimiam desprêzo.

— Não princesa. Não quero um milhão, nem dois... nem vinte! Não é dinheiro que eu quero, porque o dinheiro raramente trás consigo a felicidade.

— Então que quereis? Vamos, dizei depressa?

— A vossa mão, nobre Florinda!

A filha do «Barbas-de-Neve» recuou um passo, soltando uma exclamação de assombro, e fitou atentamente o feiticeiro, procurando descobrir-lhe nos olhos sintomas de loucura.

Mas ele sustentou com tanta firmeza o seu olhar, que ela viu bem que era seriamente que «Mata-a-Morte» falava.

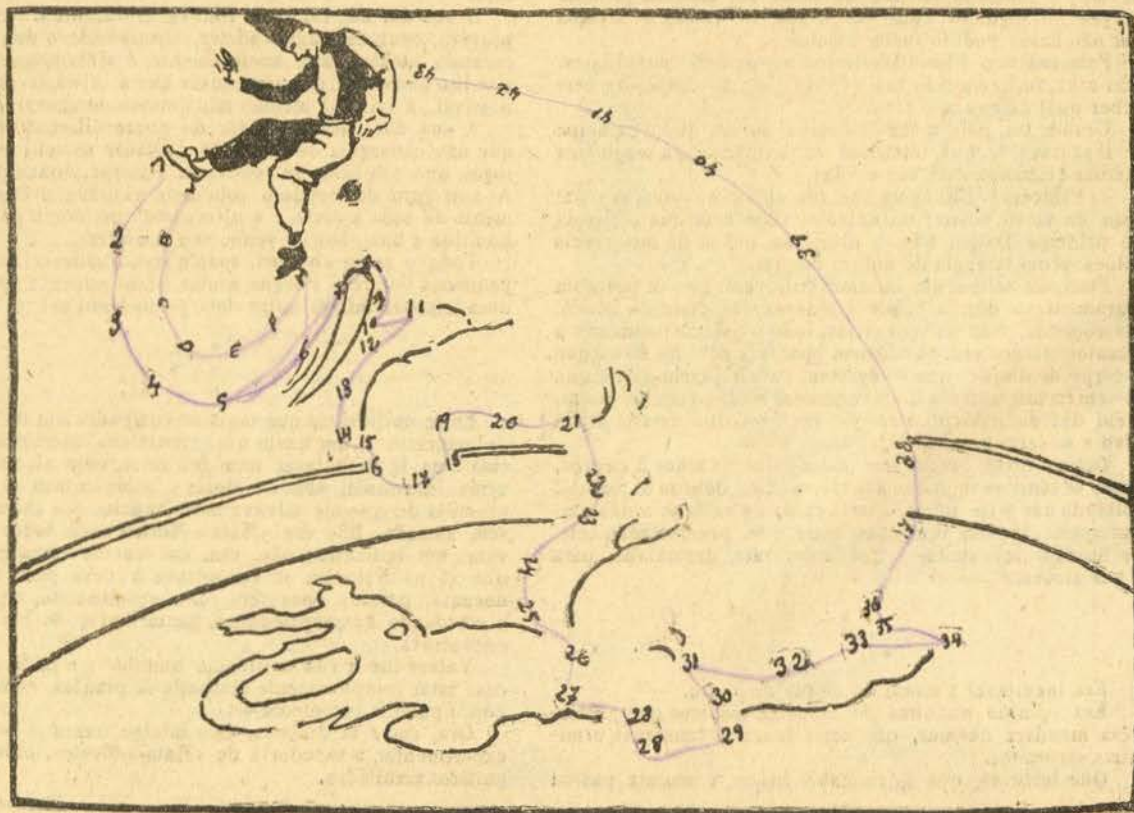
Ao assombro succedeu, então, a indignação.

— Nunca! — exclamou ela. Pedi tudo o que quizerdes, tudo vos será concedido, mas a minha mão, nunca!

■ ■ Continua no próximo número ■ ■



PARA OS MENINOS TRACEJAREM



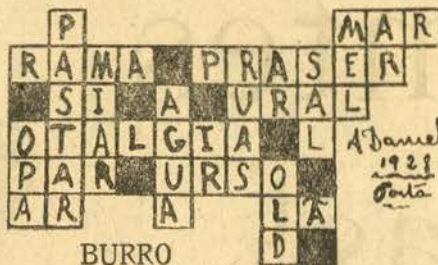
HORA DO RECREIO

PALAVRAS CRUZADAS

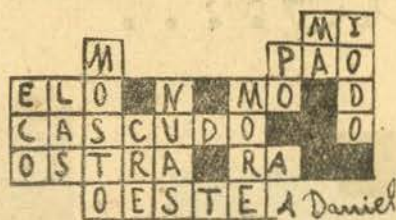
Solução dos problemas
anteriores



PARDAL



BURRO



CARNEIRO

Solução da adivinha

Pato
PAvão
Perdis
Perlquito
PoMbo

Pintaroxo
PapAgaio
Poupa
PerU
PintaSilgo
PiSco
PencirEiro

PARA OS MENINOS COLORIREM



E ADIVINHA — Onde se encontra a cara do juiz de campo?

TIPOS LISBOETAS

■ ■

Quentes e boas!...

■ ■

POR AUGUSTO DE SANTA-RITA

Desenhos de E. MALTA



QUENTES e boas!... Quem quer'?!...
A escaldar, a escaldar!...

Pela tardinha,
a chover,

— (uma chuva miudinha) —

o pregão
sobe no ar:

— Quentes e boas! Estão
a escaldar, a escaldar!

Na grande cêsta vindima,
por entre sarapilheira,
deixando saír, por cima,
novelos de fumaceira,

a bela castanha assada,
é a maior tentação
da garotada
que ouvindo
o lindo
pregão
subindo,
pela tardinha a chover,
acorre, logo, a comprar...
— «Três um tostão!
Quem mais quer'?!

.....
Quentes e boas! Estão
a escaldar, a escaldar!

F I M